

Boletim

A revista do Sistema

INFORMATIVO



SISTEMA FAEP



Ano XXVI | nº 1186

6 a 12 de agosto de 2012

Tiragem desta edição: 24.000 exemplares



Âgide

A ação política e econômica do agronegócio paranaense

Um choque para a suinocultura

2 **Ágide**
"É preciso mostrar força"

6 **Fertilizantes**
O custo na próxima safra

10 **Caminhoneiros**
Os problemas da lei

13 **SENAR-PR**
Mundo Gastronômico

14 **Suinocultura**
É preciso um choque

16 **Evento**
Feira Sabores

18 **Mercado**
A seca nos EUA

20 **Clima**
Cuidados com a ferrugem

21 **Pecuária**
Plano apresentado

22 **Entrevista**
O homem de Chicago



26 **Via Rápida**
Inteligência, Cupins,
Corvo, Viva,
Receita saudável
e etc

28 **Cursos**
Colheitadeiras, Cana-de-açúcar
Jardineiro, JAA, PDS e etc

30 **Impostos**
Isenção para alimentos

31 **Notas**

Ágide: "É pr

O presidente
analisa
o papel
econômico
das
cooperativas
e a ação
política da
FAEP

Organizado pela Ocepar, o "Fórum de Presidentes das Cooperativas Paranaenses", reuniu, no último dia 31, os presidentes do Sistema FAEP, Fiep e Fecomércio para abordar "A importância da Sociedade Organizadora no Desenvolvimento Econômico e Social do Paraná – Conquistas e Desafios".

Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP, fez uma análise do associativismo no meio rural, a dependência do setor das políticas do Governo e a complementariedade existente entre o associativismo econômico (exercido pelas Cooperativas) e a ação política que a FAEP exerce. "Nós temos condições de chutar as canelas das autoridades, porque não há como nos retaliar. Já uma cooperativa está sujeita a sanções. Portanto a ação política é nossa. É para isso que existimos", afirmou Ágide. A seguir a íntegra de seu pronunciamento:

Até pela natureza da atividade, o associativismo no meio rural é difícil. Produtor rural trabalha disperso, isolado em sua propriedade e, por esta razão, mantém pouco contato com seus companheiros. Ao contrário das atividades de trabalhadores urbanos, que vivem ombreados, que trocam informações e impressões a todo o momento, especialmente em torno de seus problemas comuns.

Nos setores empresariais urbanos, esse contato e a solidariedade de classe são facilitados pelos encontros mais frequentes e também pela maior facilidade na identificação dos problemas comuns.

É justamente neste meio rural, disperso, com uma sazonalidade da produção que temos de atuar e funcionar como a convergência política de defesa da classe.

“Preciso mostrar força”

Nossa atuação, neste sentido, requer um esforço muito maior. Primeiro para identificar problemas, fazer consultas, formular soluções, partir para a ação, principalmente, junto ao Governo.

Este é, também, um problema sério do associativismo no meio rural: a dependência excessiva de políticas do Governo.

Diferentemente das atividades urbanas, a produção rural está ligada diretamente aos humores da natureza. Se chove demais é porque chove. Se não chove na hora certa, é porque não chove e em qualquer desses casos o desastre é iminente.

No Brasil, cerca de 90% das propriedades rurais tem menos de quatro módulos fiscais e no Paraná esse percentual sobe para 92%. Somos um Estado de pequenas e médias propriedades, cujo rendimento final é pequeno se comparado com as atividades médias urbanas.

O mercado é implacável. Hoje ele está favorável para alguns produtos e pode estar até melhor nos próximos meses, caso se confirme a seca nos Estados Unidos, isto é, a desgraça para os produtores daquele país.

Mas nem sempre é assim. Às vezes, como aconteceu no ano passado, o desastre é em nosso quintal. E como está acontecendo hoje com criadores de suínos e aves.

Dentro deste quadro a agropecuária é extremamente dependente de políticas do Governo.

A começar pelo crédito para equipar a fazenda e para plantar.

Quem dita as regras?

De onde sai o dinheiro?

É preciso escoar a produção.

Quem é responsável pela infraestrutura, pelas estradas, pelas ferrovias, pelos portos?



Como os produtores na sua grande maioria são pobres ou no máximo remediados de classe média, dependem das instituições públicas e privadas para o desenvolvimento de pesquisa. Não são como as indústrias e empresas de serviços, que podem contratar pesquisa com instituições especializadas ou elas dispõem de recursos para fazer na própria empresa.

No Brasil, pesquisa de agropecuária é feita por quem?

Pelo Governo ou por multinacionais.

Como a indicação de preços recebidos pelos produtores é uma combinação da produção de outras regiões ou países, somada a políticas protecionistas de governos estrangeiros e da especulação nas bolsas, além das condições locais de apoio, o produtor não é o senhor na imposição do valor pelo qual vai vender a sua mercadoria.

“Nós temos condições de chutar as canelas das autoridades, porque não há como nos retaliar. Já uma cooperativa está sujeita a sanções. Portanto a ação política é nossa. É para isso que existimos”



Os produtores, como disse, vivem dispersos. É o sistema sindical que os une e que fala por eles. É o sistema que os mobiliza em grandes demonstrações, uma forma de sensibilizar as autoridades.

E mais, como essa indicação de preço é formada no mundo e, portanto, em grande parte vem de fora, o valor a receber pelo produtor depende do câmbio.

E quem faz política cambial?

E assim por diante.

Vejam que a lista é pesada e pode ir mais longe.

Uma indústria ou um estabelecimento comercial tem alternativas: pode fechar a fábrica ou a loja. Pode mudar de ramo. Pode se associar a outros grupos, até com aqueles que estejam em locais distantes.

Na agropecuária não tem nada disso. Lançou a semente tem que esperar concluir o processo. Não há como abortar, a não ser passando o trator, mas daí a perda é total.

Como se associar a outro agente a não ser comprando a fazenda do vizinho?

O sistema sindical rural tem, portanto, um papel difícil de desempenhar e ao mesmo tempo crucial para os produtores.

Como conseguir – não digo vantagens – mas atendimento aos produtores senão com pressão?

Os produtores, como disse, vivem dispersos. É o sistema sindical que os une e que fala por eles. É o sistema que os mobiliza em gran-

des demonstrações, uma forma de sensibilizar as autoridades.

É preciso mostrar força

Assim foi no “tratoço” que empurrou de vez a solução para a dívida agrícola. Assim foi, também, na grande virada da votação do Código Florestal, numa manifestação que reuniu em Brasília mais de 20 mil produtores rurais, 5 mil dos quais do Paraná, em abril do ano passado.

Para servir bem ao produtor rural é preciso sintonizar muito bem suas angústias, suas necessidades e suas expectativas. Traduzir tudo isso em reivindicações junto aos Governos para que se transformem em políticas.

Não é o caso de lembrar todas elas, basta mencionar o que tem sido a luta do sistema sindical e da Ocepar para obter um Código Florestal decente do Congresso Nacional. Uma novela que ainda não acabou.

O endividamento dos anos de 1990. Quanta pressão, quantas idas ao Congresso, quantas visitas a ministros para convencê-los a adotar medidas que retirassem os produtores rurais da falência.

E são também nas pequenas coisas: na luta contra o Governo do Estado para liberação dos transgênicos, para evitar que produtores fossem autuados pela Força Verde, para discutir a classificação do trigo e do milho.

Para que o Estado tivesse uma agência de defesa agropecuária, que garanta a sanidade de nossos produtos e permita a abertura de novos mercados.

E o associativismo sindical não estaria completo sem o associativismo econômico, exercido pelas cooperativas, que no Paraná atingiram um altíssimo grau de integração.

Há, portanto, uma complementaridade na representação de cada uma delas. Nós temos condições de chutar as canelas das autoridades porque não há como nos retaliar. Já uma cooperativa está sujeita a sanções. Portanto a ação política é nossa. É para isso que existimos.

A FAEP trabalha muito na conjuntura. Não há como fugir de uma atuação tópica a cada vez que surge um problema.

A contribuição do SENAR-PR

Mas também é preciso pensar lá adiante.

Uma questão importante é a formação de mão de obra – cada vez mais escassa – para as atividades rurais. O SENAR-PR vem trabalhando nisto há 20 anos e acho que a nossa contribuição para elevar a produtividade tem sido grande.

Agora o SENAR-PR está avançando com o ensino a distância para aperfeiçoamento de trabalhadores, como os oriundos do Programa Empreendedor Rural.

Estamos começando a entrar na agricultura de precisão e preparando técnicos para elaboração de projetos para o Programa de Agricultura de Baixo Carbono.

Certamente o SENAR-PR está se preparando para um salto de qualidade e preparando nossos trabalhadores e produtores para a agricultura do futuro, que não é bem do futuro porque já está se processando e uma realidade.

O Seguro Rural

A FAEP, por sua vez, vem trabalhando em alguns problemas que vão dar resultados no futuro, espero que em futuro breve. Um deles é o nosso esforço, em conjunto com a CNA e com empresas seguradoras, para implantação definitiva do Seguro Rural.

Dia 16 de julho a FAEP promoveu um encontro para dar início às atividades das Comissões Técnicas. Dois assuntos tiveram grande atenção. Um deles foi o Seguro Rural, com a apresentação pelo economista Alexandre Mendonça de Barros de um estudo que nós recomendamos para convencer o Governo Federal da oportunidade do programa para evitar que volta e meia o setor rural se veja envolvido com perdas irreversíveis e acabe inadimplente perante bancos e fornecedores.

Sai muito mais barato para o próprio Gover-

no Federal um sistema de subsídio ao prêmio do seguro do que, periodicamente, ter que resolver problemas de inadimplência dos produtores. Sai menos doloroso para o produtor e para a sociedade da região afetada.

Outra questão importante é a das tarifas ferroviárias, estudo este que a Ocepar também está envolvida. É claro que não vamos ter resultados no dia seguinte, mas a continuidade do Projeto Jamaica, que examina a composição dos custos de transporte e preços de fretes rodoviários e tarifas ferroviárias vai acabar por reduzi-los e colocar ordem na sua fixação.

Aproveitando o emalo do Projeto Jamaica, a FAEP está contratando a mesma equipe da Esaq-Log da Escola Luis de Queiroz da Universidade de São Paulo para um novo estudo: decompor todos os custos entre a porteira do produtor rural até o embarque final no porto de Paranaguá.

Este estudo vai nos possibilitar a identificação dos diversos entraves em nosso sistema logístico para reduzir custos que incidem sobre as transferências de produtos agropecuários em nosso Estado.

Juntamente com as nossas ações conjunturais, esses estudos se destinam a melhorar a renda dos produtores rurais e incentivar os investimentos no agronegócio paranaense.

Apesar de tudo isso, ainda existe produtor que reclama do pagamento da Contribuição Sindical, mas é incapaz de associá-la a benefícios que o sistema consegue. A razão é aquela, a dispersão. Estamos todos afastados geograficamente, o que torna difícil o contato e o convívio permanente.

Mas eu garanto que temos feito o que é possível e o temos feito com a consciência da importância da nossa atuação para o desenvolvimento de cada um dos produtores rurais e suas famílias e para o desenvolvimento econômico e social de nosso estado.

Ágide Meneguette

Presidente do Sistema FAEP

A FAEP, por sua vez, vem trabalhando em alguns problemas que vão dar resultados no futuro, espero que em futuro breve. Um deles é o nosso esforço, em conjunto com a CNA e com empresas seguradoras, para implantação definitiva do Seguro Rural.

O preço dos fertilizantes

Rentabilidade obtida na safra 2011/12 será empregada no maior desembolso do produtor

Por Tânia M. Moreira, economista do DTE/FAEP e Leandro Alegransi, agrônomo do DTE/FAEP • Fotos: Lineu Filho

Nunca antes na história da soja brasileira os preços estiveram tão elevados – cerca de R\$ 80,00/saca. Bom seria se esse fosse o valor conseguido indiscriminadamente pelos produtores, mas a realidade é outra. Os levantamentos da Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab), revelam que 72% da safra paranaense de soja foi negociada até abril com preços médios de R\$ 46,37/sc, enquanto no ano passado o percentual até abril era de 49%. Os

preços, certamente, foram excelentes em relação a safras passadas, mas esses dados da Seab mostram que grande parte da safra não foi negociada a preços recordes.

O custo para o plantio da safra 2012/2013 pode elevar em alta de até 35% no preço de alguns insumos. O levantamento foi elaborado pelo Departamento Técnico Econômico da FAEP com dados da Seab. A tabela 1 resume os aumentos em relação a 2011.



TABELA 1: Variação no Preço de Fertilizantes - Maio/11 a Maio/12 em R\$/tonelada

	Cloreto de Potássio	Ureia	Sulfato de Amônio	Superfosfato Simples	Superfosfato Triplo
Maio 2011	1.145,34	1.006,32	840,44	703,86	1.235,77
Maio 2012	1.332,46	1.356,76	980,13	777,66	1.307,13
Julho 2012 *	1.353,07	1.247,79	859,82	763,50	1.265,54
Maio 2012/ Maio 2011 (%)	16%	35%	17%	10%	6%
Julho 2012/Maio 2012 (%)	2%	-8%	-12%	-2%	-3%

Fonte: DERAL/SEAB • Elaboração: DTE/FAEP

*Nota: Média resultante da pesquisa de preços realizada pela FAEP na 3ª semana de julho. Dólar R\$ 2,03 e pagamento à vista.

no custo da safra 2012/13

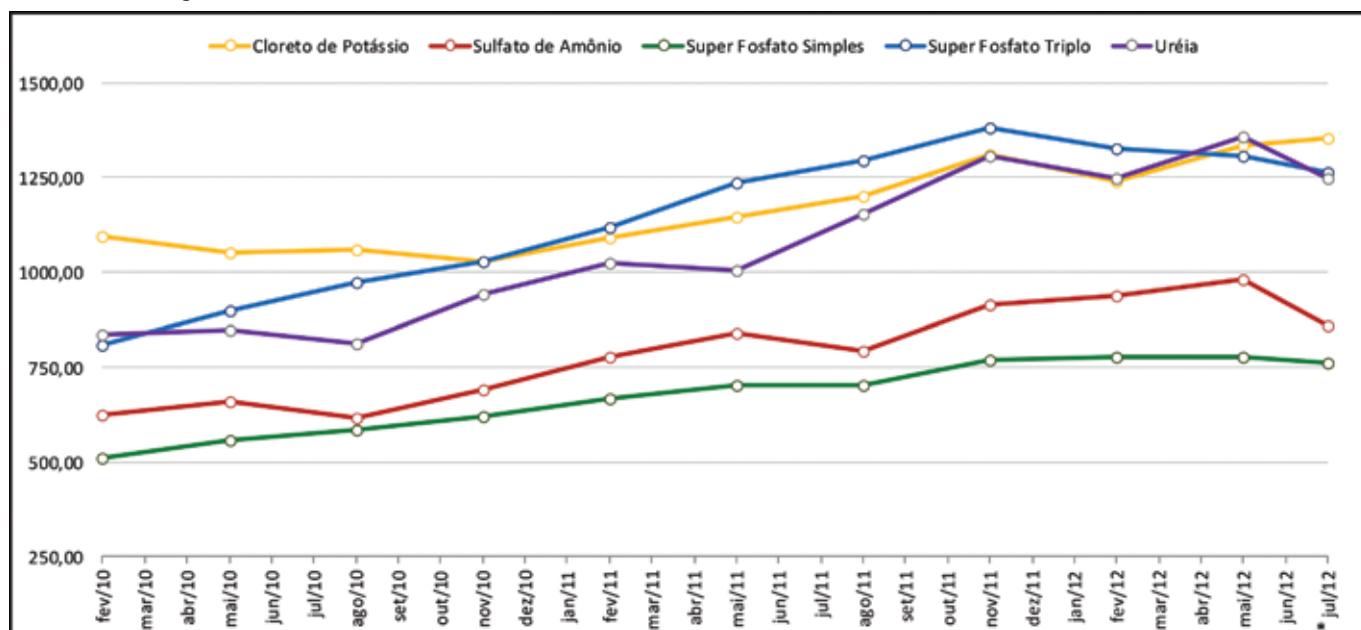
para garantir a safra 2012/13



Em decorrência dos melhores preços das commodities agrícolas, os produtores optaram por antecipar a compra dos insumos neste ano, principalmente os fertilizantes. A estratégia de antecipação de compras deveria assegurar um preço menor para a aquisição dos

fertilizantes. No entanto, o comportamento dos preços demonstrou que o produtor que comprou entre março e maio terá um custo maior da safra 2012/2013. Depois desse período, os preços caíram, mas continuam altos em relação aos comercializados na safra passada.

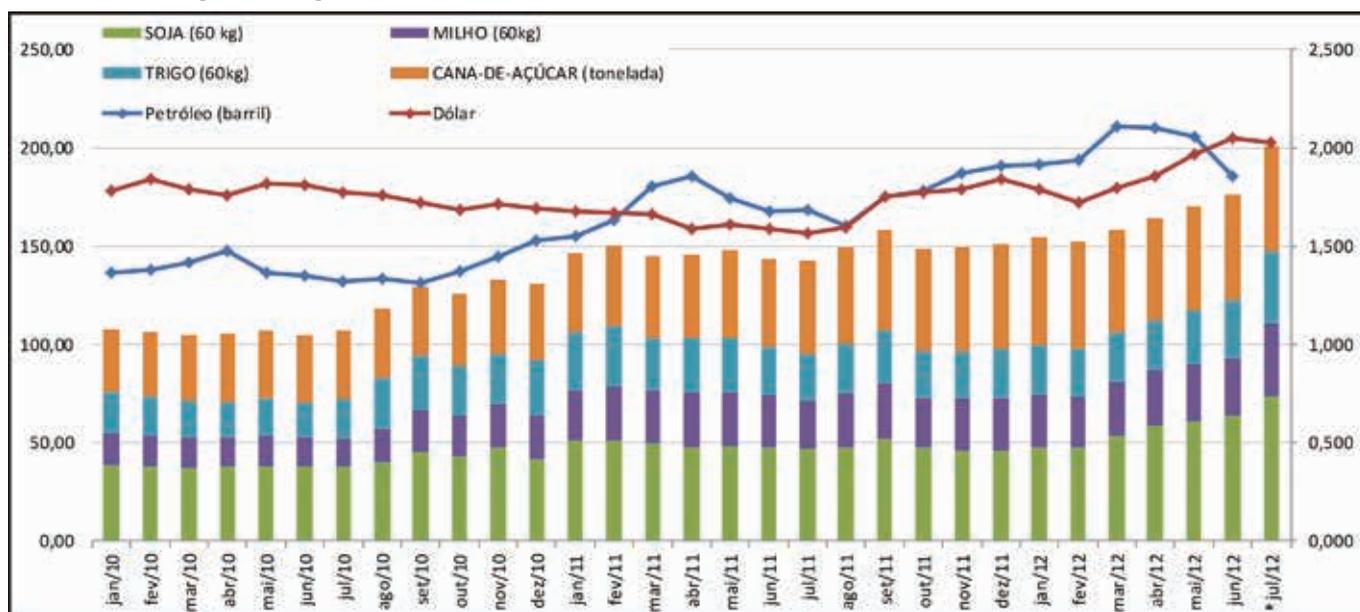
GRÁFICO 1: Preços de fertilizantes – em R\$/tonelada



Fonte: DERAL/SEAB e *Levantamento de campo DTE/FAEP • Elaboração: DTE/FAEP

A alta do preço das commodities agrícolas, a elevação da demanda mundial por fertilizantes e os preços elevados do petróleo são fatores inter-relacionados e que afetaram os preços dos fertilizantes em 2012 (veja o Gráfico 2).

GRÁFICO 2: Variação no Preço dos Produtos Agrícolas Versus Petróleo e Dólar - em Reais

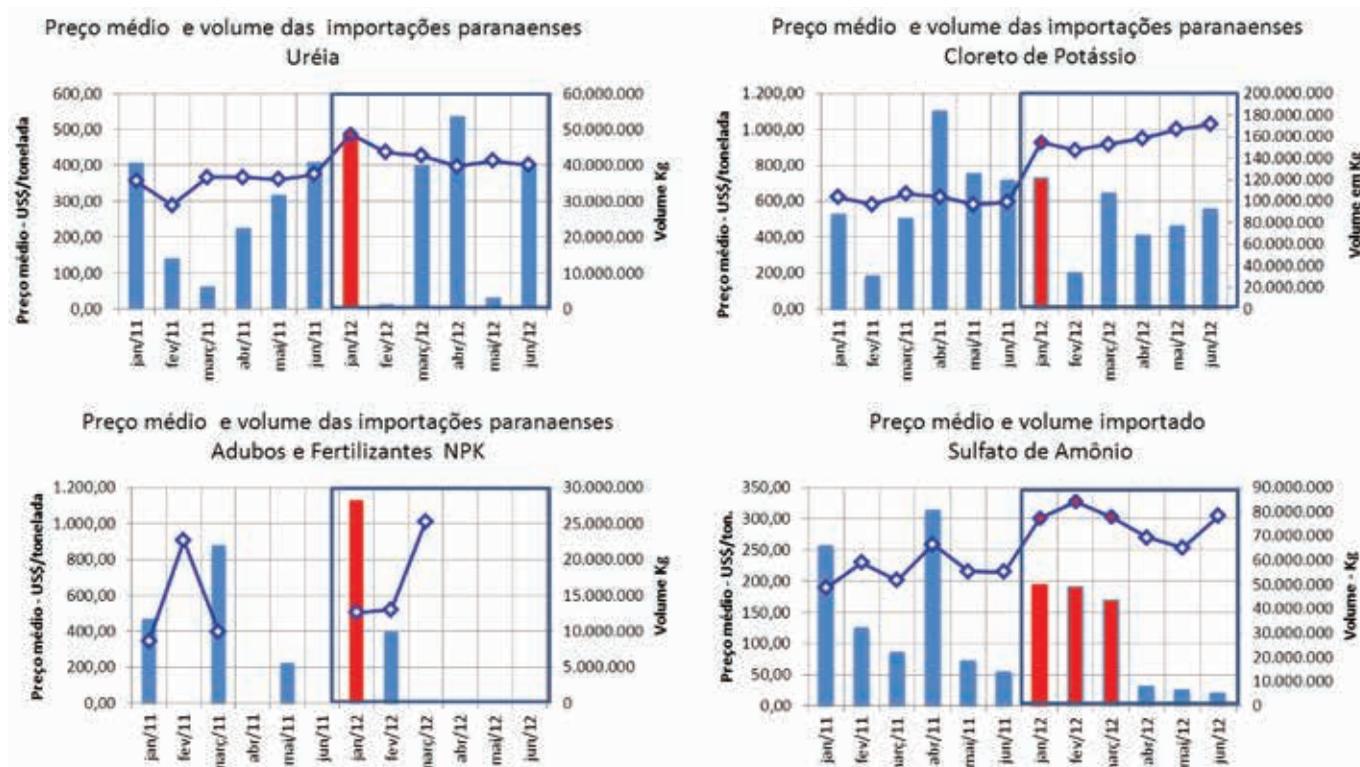


Fonte: BACEN, CBOT, CEPEA, CONSECANA, DERAL/SEAB • Elaboração: DTE/FAEP

Fertilizantes mais caros promoveram a redução das importações comparativamente a 2011. Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MIDC), neste 1º semestre a redução no volume importado foi de 24% em relação ao mesmo período de 2011, para um aumento médio no preço, em dólares, de

17%. Considerando o preço médio em reais, a alta no 1º semestre foi de 34% e este foi o aumento que o produtor sentiu no bolso. As importações paranaenses, que representaram 22% das importações brasileiras, também recuaram no 1º semestre com redução de 15% no volume e com aumento de 27% no preço médio, em dólares.

GRÁFICO 3: Volume Importado de Fertilizantes no Paraná e Preços médios – em US\$/tonelada



Fonte: MIDC • Elaboração: DTE/FAEP

No Gráfico 3 as importações paranaenses ocorridas antecipadamente para ureia e sulfato de amônio resultaram em preços maiores (destacadas em vermelho nos gráficos). No caso dos fertilizantes NPK (fontes de Nitrogênio, Fósforo e Potássio) e do cloreto de potássio a compra antecipada garantiu alguma vantagem no preço em dólares, mas a desvalorização do real, no primeiro semestre deste ano, encareceu o produto.

Portanto, o desembolso com fertilizantes na safra 2012/2013 será maior. Os dados da Companhia Nacional de Abastecimento para a Região de Campo Mourão, safra 2011/2012 de milho, registram um desembolso com fertilizantes de R\$697,27 por hectare. Para a próxima safra, 2012/13, o valor é estimado em R\$855,27,

resultando num aumento de 22,7% apenas para os fertilizantes. O peso dos fertilizantes está estimado em 38,9%, demonstrando a importância deste insumo na produção agrícola.

As relações de troca entre os fertilizantes e a soja, o milho, o trigo e a cana-de-açúcar precisam ser analisadas com maior cuidado para que não se tirem conclusões precipitadas. Apesar de a relação ter diminuído desde novembro do ano passado – com queda acentuada nos últimos dois meses, ela não transparece a realidade das negociações efetuadas nas compras de insumos, pois a maioria foi realizada num momento em que a relação de troca estava menos favorável ao produtor, devido ao elevado preços dos fertilizantes.

GRÁFICO 4: Relação de troca de produtos agrícolas por fertilizantes em sacas por tonelada



A relação de troca é a divisão do preço da tonelada de fertilizante pelo valor da saca do produto agrícola e pelo valor da tonelada, no caso da cana-de-açúcar, portanto estes dois fatores influenciam-na diretamente. A sazonalidade das compras também influencia nesta relação, pois normalmente as compras realizadas pelos produtores para a safra de verão estão concentradas entre os meses de maio a agosto, refletindo num ligeiro aumento de preços para os adubos e tendendo a um aumento na relação de troca.

A agropecuária brasileira depende da importação de grande parte dos fertilizantes que utiliza. Um bom

exemplo é o caso do cloreto de potássio, em que a importação responde por 92% do total utilizado no país. Tal dependência se deve ao oligopólio existente na exploração, que encarece o custo desses insumos e leva uma parte do ganho adicional quando os preços pagos aos produtores melhoram. O governo brasileiro precisa colocar os fertilizantes na agenda estratégica do país. Um Plano Nacional de Fertilizantes pode gerar divisas e tornar mais competitiva a agricultura, reduzindo a dependência de importações, tendo em vista que a exploração e a comercialização destes insumos estão nas mãos de poucos.

O caminhoneiro João Rodrigues Corra estufa o peito para dizer que jamais sofreu um acidente grave em 35 anos de estrada. O motivo de orgulho do paranaense de Santo Antônio da Platina, norte pioneiro do Paraná, é reflexo da incerteza que é trabalhar por horas seguidas nas perigosas estradas brasileiras. Nem mesmo a notícia que leu no jornal de que agora existe a “Lei do Caminhoneiro” serviu de alento ao trabalhador acostumado a trafegar pelas rodovias brasileiras carregado de soja – considerada carga perigosa em caso de acidentes. “Na verdade seria boa essa lei, mas onde você vai parar, se não tem onde descansar?”, questiona o caminhoneiro, um dos 700 mil autônomos do país.

Em vigor desde junho deste ano, a Lei 12.619/2012 (leia box) limitou a jornada de trabalho a 10 horas para os contratados e a 12 horas para os autônomos.

Outra exigência são intervalos de 30 minutos a cada quatro horas trabalhadas e um repouso ininterrupto de 11 horas a cada 24 horas. “É impossível! Já fiquei dez dias na fila do Porto de Paranaguá. Não tinha lugar para tomar banho e fazer as necessidades. Fora que você não pode tirar os olhos do caminhão porque já te assaltam”, completa, lembrando que um companheiro já teve a cabine arrombada com o caminhão em movimento.

Depois de uma reunião com o ministro dos Transportes, Paulo Sergio Passos, em Brasília, os trabalhadores conseguiram a suspensão por 30 dias da norma. Isso até que o sistema eletrônico de pagamento seja estruturado.

Os caminhoneiros também querem a suspensão imediata da fabricação dos bitrens (composições rodoviárias com nove eixos) e a criação de delegacias especializadas em combater roubos de cargas.

Em meio aos protestos de transportadores de indústrias em todo o Brasil, que provocou o fechamento de rodovias, alguns caminhoneiros independentes apontaram



Pé no freio

A “lei do caminhoneiro” é boa, mas estamos no Brasil

Por Angelo Binder • Fotos: Fernando Santos



Esquerda para direita: os caminhoneiros José Célio da Silva, João Rodrigues Corra e José Carlos da Silva cobram melhores estruturas para o descanso durante as viagens

a falta de estrutura, insegurança e os raros postos de apoio nas rodovias brasileiras como os principais gargalos para que os profissionais da estrada cumpram a arrisca o que determina a lei. “Se você não abastecer de diesel no trecho Curitiba-São Paulo, por exemplo, não consegue estacionar nos postos de combustível. É uma exigência dos proprietários dos estabelecimentos”, lembra José Carlos da Silva, que trabalha com cargas há quatro anos. Segundo ele, a determinação não é má vontade dos donos de

postos, mas ocorre principalmente em virtude da superlotação dos postos de serviços hoje existentes em beiras de estradas. Lugares geralmente sem estrutura para fornecer alimentação, banho e espaço adequado para repouso. “Imagine lá para cima como é?”, indaga José Célio da Silva, caminhoneiro habituado a trafegar com carga seca (produtos não perecíveis) por estradas do Norte e Nordeste do país.

Reflexos no frete

Um levantamento da Confederação Nacional do Transporte (CNT) aponta que as estradas pedagiadas apresentam condições muito melhores em relação àquelas que são administradas por governos dos Estados e federal. Pra variar, a qualidade nas rodovias “oficiais” não atende às demandas básicas dos caminhoneiros. “Elas [as concessionárias] poderiam dar esse suporte, com a criação de estabelecimentos e espaço adequado para descanso”, diz Silva. Ocorre que tais benfeitorias não estão no contrato de concessão e uma negociação fatalmente implicaria em reajuste das tarifas do pedágio.

As boas condições das estradas pedagiadas não impedem que se elevem os custos de frete no país. De acordo com o cálculo do Instituto de Logística e Supply Chain (Ilos), em rotas de 3.000 km, equivalente à viagem de São Paulo a Belém, o impacto será de 30%. Nessa rota são transportados alimentos, bens de consumo e produtos da Zona Franca, como motos e Tvs.

Em trechos menores, o efeito será inferior: 21% para percursos de 1.500 km, como a viagem do Centro-Oeste ao porto de Santos, que leva a produção agrícola para exportação.

O caminhoneiro Rodrigues Corra ainda não fez os cálculos de quanto gastaria, mas já estima que o tempo de viagem de Santo Antônio da Platina ao Porto de Paranaguá passaria de 10 para 15 horas pelo menos – acréscimo de 50% no tempo. Demora que



na opinião dele pode prejudicar a entrega da carga e onerar o caminhoneiro. “Se eu atrasar a entrega da carga dessa primeira carga, vou atrasar na segunda e depois da terceira. Por exemplo, teria uma quarta entrega para fazer, mas ela não vai existir porque ainda vou estar entregando a terceira”, raciocina. Tradução: aumento do frete para compensar.

Já a Associação Nacional dos Transportes de Carga (ANTC) tem estimativa similar para a variação no preço do frete: entre 25% e 40% dependendo da rota, do equipamento de transporte e da carga.

Hoje, o preço do frete no país está na casa de US\$ 123 por 1.000 tkm (toneladas por km), um dos menores do mundo, de acordo com Lima.

Como a maior parte (65,64%) da carga movimentada no país circula por rodovias, a elevação de custos chegará a praticamente todos os produtos, com alta média de 0,56%, que representa 0,8% na inflação anual, estima Maurício Lima, diretor de capacitação do Ilos, que levará os dados ao Fórum Internacional de Logística, de 20 a 22 de agosto, no Rio de Janeiro.

Fora isso, o reajuste no transporte de cargas provocará um aumento no preço de produtos, principalmente de alimentos.

A LEI É BOA, MAS...

Calcula-se que existam 1 milhão e 700 mil caminhoneiros no país, responsáveis por mais de 70% do transporte de cargas perecíveis e não perecíveis. Uma parte deles paralisou rodovias estratégicas no país por cerca de 72 horas e o caos começou a se instalar. O atraso na entrega de gêneros alimentícios fez disparar o preço e houve ameaça ao abastecimento de combustíveis. É uma reação em cadeia muitas vezes imperceptível capaz de atrasar navios que esperam a soja de Campo Mourão ou Cascavel, ou impedir que a alface paulista chegue a Cuiabá.

A Lei 12.619/2012 foi elaborada como objetivo de preservar a vida do caminhoneiro. A expectativa é que, depois de um ano, os acidentes com envolvimento de caminhões tenham uma redução entre 10% e 20%. Atualmente, 34% dos acidentes em rodovias brasileiras têm envolvimento de caminhões. O descumprimento dos intervalos de descanso é considerado infração grave e o motorista estará sujeito à multa e retenção de veículo.

De acordo com a Polícia Rodoviária Federal, no primeiro semestre deste ano, o número de acidentes que envolveram caminhoneiros sonolentos foi superior a 500. No ano passado, em cerca de dois mil acidentes em estradas federais, caminhoneiros declararam que se sentiam cansados e, por isso, teriam dormido ao volante.

Os autores da lei, porém, esqueceram que estamos no Brasil, as rodovias em sua maioria são de pista única, muitas não tem sequer acostamento, são esburacadas, as placas estão escondidas pelo mato, o assalto a caminhões é diário. O princípio da lei é correto, falta o governo cumprir sua parte com os impostos pagos pelos contribuintes brasileiros. A infraestrutura no país continua com o pé no freio.

O SENAR-PR, em parceria com o Senac, vai oferecer durante a Feira Mundo Gastronômico, que será realizada entre os dias 16 e 19 de agosto, no Expo Renault Barigui, em Curitiba quatro palestras técnicas. Serão abordados as culturas: Tilápia, Café, Hidromel e Produtos derivados da cana de açúcar.

Para se inscrever o interessado pode acessar o site do Senac www.pr.senac.br/principal ou ir pessoalmente ao evento.

SENAR-PR no Mundo Gastronômico

Confira a programação das palestras:

Temas	Palestrantes	Data	Horário
Tilápia	Sergio Kawakami	17/08	18h30 às 19h30
Café	Ademar Martins	17/08	20h às 21h
Hidromel	Luis Gustavo Lacerda	19/08	16h30 às 17h30
Produtos derivados da cana de açúcar	Sueli Baldo Araújo	19/08	18h às 19h.

A Feira Mundo Gastronômico é direcionada a empresários e profissionais da alimentação fora do lar, representada por bares, restaurantes, hotéis, motéis, cafés, catering, refeições coletivas, imprensa especializada e estudantes, além do consumidor final apreciador da cozinha gourmet.

O evento vai apresentar as últimas novidades em tecnologias, equipamentos, alimentos, insumos, bebidas e serviços por aproximadamente 70 empresas, distribuídas nos 8.500m² do pavilhão.

A Associação de Produtores Rurais do São Braz do Alto Alegre recebeu 100 mil reais para equipamentos agrícolas

São João: recursos bem aplicados

Há quatro anos o Sindicato Rural de São João articulou junto com um grupo de produtores rurais que participavam do Programa Empreendedor Rural (PER) a elaboração de uma emenda parlamentar para levantar recursos para compra de equipamentos agrícolas. A emenda recebeu apoio da vereadora Taciane Mongoni e do então deputado federal Moacir Micheletto (que faleceu em janeiro deste ano) e beneficiou a Associação de Pequenos Produtores Rurais do São Braz do Alto Alegre.

A associação recebeu 100 mil reais investidos na compra de equipamentos agrícolas, beneficiando 32 famílias de pequenos produtores rurais. “Estes equipamentos melhoraram muito a produção e a rotina dos agricultores, reduzindo os custos”, conta o presidente da associação Otacir Pedrolo.

A ideia da reativação da associação partiu de Pedrolo e do produtor rural e técnico agrícola Evandro Santin que fez o Programa Empreendedor. Santin, 32 anos, reformulou sua propriedade, adquiriu novos animais e equipamentos e ampliou a sala de alimentação das vacas. Hoje ele mantém um rebanho de 100 vacas, sendo 50 em lactação, que garantem uma produção de 35 mil litros/mês. Além dos investimentos Santin também investiu na sua capacitação participando de vários cursos de bovinocultura de leite oferecidos pelo SENAR-PR.

O produtor também foi um dos 15 finalistas do PER em 2008 com um projeto de expansão de produção de leite. Em 2003 ele assumiu a gestão da propriedade de seu pai que produzia grãos e 12 mil litros/mês. Com o Empreendedor ele viu que a expansão da atividade leiteira é que iria garantir sua renda e tem servido de exemplo aos pequenos proprietários de São João, no sudoeste do estado.



“Um choque estratégico”

É preciso controlar o rebanho de acordo com a demanda do mercado

A FAEP vem acompanhando dois projetos de Lei que tramitam no Senado e na Câmara Federal que irão disciplinar as relações entre produtores e agroindústrias nos contratos de integração. Na segunda-feira (30/07) as Comissões Técnicas da Avicultura e Suinocultura da Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP) se reuniram em Curitiba e o economista Paulo Roberto Molinari, da agência Safras e Mercado analisou a crise que afeta os dois segmentos e mais especificamente a suinocultura.

O economista abordou a crise mundial e as consequências da quebra da safra de milho nos Estados Unidos para a produção de carnes. “As duas atividades – suinocultura e avicultura sofrerão muito com esta quebra, pois o preço do milho já está alto e em 2013 vamos ter falta do produto. Mas a suinocultura no Brasil precisa de um choque estratégico, para se organizar. Hoje o principal problema está dentro do setor com o excesso de produção”, afirmou.

Para o analista, o Brasil está produzindo carne suína dentro de uma perspectiva de consumo que irá se concretizar em 10 ou 20 anos. “Estamos com o pé no acelerador da produção, enquanto que EUA e Europa estão com o pé no freio. Não podemos aumentar a oferta num quadro recessivo mundial”.

Molinari acredita que para regular o mercado de forma eficaz o setor deveria reduzir em 15% a produção de carne suína e de matrizes. “Falta para a suinocultura uma entidade gerencial, que ao mesmo tempo em que controla o rebanho, oriente o produtor e a indústria em relação à demanda do mercado consumidor aumentando ou diminuindo o número de abates de animais. Isso já acontece na Europa”.

Outra deficiência dos segmentos aves/suínos apontada por Molinari é a forte dependência pelos principais elementos da alimentação dos animais – milho e soja.

Arquivo



O economista
Paulo Roberto
Molinari

Fernando Santos

Molinari mostrou que a alta desses insumos não tem acompanhado o preço final da produção (veja gráfico).

O gráfico mostra que o preço da carne bovina no período de 2000/2012 apresentou uma variação de 100% – R\$ 3,00 em 2000 para R\$ 6,00 em 2012 – enquanto que o quilo das carnes de frango e de suínos se manteve no mesmo patamar de R\$ 2,00 e R\$3,50 respectivamente o quilo.



prazo não ajuda”, completou. O setor, contudo, precisa criar mecanismos de controle de produção de acordo com a demanda.

Outro aspecto levantado durante a reunião é a abertura indiscriminada de novos galpões de produção de suínos. “As agroindústrias ou integradoras tem incentivado a abertura destes novos galpões a partir de recursos obtidos através do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Se elas querem aumentar a produção que façam isso, mas com recursos próprios e não públicos”, disse Reny Gerardi de Lima, vice-presidente do Sindicato Rural e presidente da Associação dos Suinocultores de Pato Branco.

Para o economista apesar destas distorções a avicultura brasileira se mostra mais coordenada em relação às movimentações do mercado, ao contrário da suinocultura. “A avicultura cresceu muito na última década, mas este crescimento não se manterá nos próximos anos no mesmo ritmo. Vai continuar crescendo, mas não na casa dos 10% ao ano”, disse.

Medidas do Governo

Durante o encontro os produtores concordaram com Molinari que a política do preço mínimo divulgada pelo governo dentro de um pacote de ajuda aos suinocultores não traz garantias ao setor. “O preço mínimo de R\$ 2,50 por quilo de carne suína ajuda nas dívidas do passado, mas a médio e longo

LEVANTAMENTO DA FAEP

Os representantes da Comissão de Suinocultura foram informados sobre o cronograma do levantamento de custos na produção de suínos e aves. Este levantamento é feito pela FAEP há três anos pelos técnicos do Departamento Técnico e Econômico da FAEP (DTE) e o economista e consultor Ademir Giroto. A atualização das informações é feita de forma periódica e ajuda os produtores a atualizarem seus custos. Os técnicos farão o levantamento entre os dias 7 e 16 de agosto nos municípios: Toledo, Cascavel, Dois Vizinhos, Francisco Beltrão Castro, Londrina e Terra Boa.

Outra definição da comissão de suinocultores foi a necessidade de elaborar um diagnóstico do setor pela FAEP para subsidiar uma política de médio e longo prazo a ser encaminhado ao governo federal. Este estudo visa apontar um caminho para a regulação do segmento.

O que o consumidor valoriza em um produto na hora de comprar? Qual a importância da boa comunicação visual para a promoção e vendas? Além dos produtos comercializados, a 13ª Feira Sabores do Paraná ofereceu aos participantes assessoria técnica nas áreas de mercado, design de rótulos, embalagens, questões de segurança e tributárias. A Feira, iniciativa da Seab e Emater, teve a participação do Sistema FAEP e Sebrae. Essas duas instituições idealizaram o evento “não basta ser bom, tem que parecer bom para o consumidor, com palestras da coordenadora estadual do setor de Agronegócio do Sebrae, Andrea Claudino e com o consultor e profissional de marketing e comunicação corporativa, Eloi Zanetti.

Andrea convidou o produtor rural a mudar de papel – sair da posição de vendedor para comprador e responder a pergunta: O que o consumidor quer quando ele vai comprar? A resposta da plateia foi quase unânime: um produto que seja bom, bonito e barato. E foi complementada por um tópico específico: um produto saudável.

Para ajudar na elaboração da resposta Andrea apresentou os resultados de uma pesquisa da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp) que mostrou que o consumidor quer além dos três ‘bs’: conveniência e praticidade, confiabilidade e qualidade, sensorialidade/prazer, e, saudabilidade, bem estar, sustentabilidade e ética.

A consultora aprofundou a primeira dupla conveniência e praticidade. Traduzindo a teoria em prática o consumidor que mora em um centro urbano quer um produto fracionado (pequenas porções), com uma embalagem de fácil abertura, com rastreabilidade e qualidade. “O consumidor está sinalizando que tem condições de pagar por isso. E o produtor, mesmo de uma agroindústria familiar precisa estar informado e preparado para atender estas novas exigências e tendências de mercado. O produtor precisa

Não basta



Família Roos avaliando a embalagem durante a Feira

buscar informações de forma constante e nunca se acomodar, para ter sempre condições de competitividade”, finalizou.

A 13ª Feira Sabores do Paraná buscou oferecer aos participantes assessoria técnica nas áreas de mercado, design de rótulos, embalagens, questões de segurança e tributárias.

Boa imagem = sabor

O consultor de marketing Eloi Zanetti mostrou aos pequenos produtores outras características e exigências do consumidor. “Os povos de origem ibérica (portugueses e espanhóis) como a nossa precisam de um apelo visual. Ao contrário dos povos escandinavos (dinamarqueses, noruegueses e suecos), por isso precisamos de uma boa imagem que nos remeta ao sabor”, comentou.

De acordo com Zanetti quem paga pela embalagem é o consumidor, por isso ela deve ser elaborada, mas sem exageros.



ser bom

Tem que parecer bom ao consumidor, ensina a Feira Sabores do PR



Fotos: Fernando Santos

“Usar materiais como palha, barbante, saco de estopa para vender a imagem de um produto do campo, não cabe mais. Este tipo de finalização complica o armazenamento e o transporte. Um rótulo bem feito, limpo e bem produzido é mais eficiente e prático”.

Outra orientação repassada aos produtores rurais pelo consultor é relativa as letras usadas nos rótulos. “Cada tipo de letra tem uma família devemos usar no máximo dois tipos, repasse esta orientação ao profissional da gráfica que vai te atender”.

O nome do produto merece atenção especial, de acordo com Zanetti o nome deve ser simples, fácil de ser pronunciado. O produtor deve pesquisar, sua região, o local de onde vem a matéria-prima e usar estes significados na escolha do nome.

Oficinas Técnicas

A família Roos do município de Barracão, Região Sudoeste do Estado (540 km de Curitiba) além de cultivar grãos e fumo sempre produziu melado. A comercialização era feita

“

Antes mesmo de você decidir que vai produzir algum produto vá anotando nomes e ideias interessantes. A escolha de um nome é um processo difícil e o produtor ainda tem que se preocupar com o seu registro.

Eloi Zanetti,
Consultor de
marketing.

”

em galões de forma bem simples no comércio local. Este ano, Marcelo, 24 anos, filho do produtor rural Valdomiro Roos, convenceu o pai a investir no comércio do melado. Produziram um rótulo e uma embalagem e se prepararam para vir pela primeira vez à Feira de Sabores. Resolveram avaliar a embalagem de seu produto com o consultor e designer do Sebrae, Victor Steinemann.

“Nós ouvimos muitas dicas importantes, desde o formato do rótulo que deve ser arredondado para não descolar da embalagem com o manuseio, até a compra dos rótulos na gráfica, que pode ser feita de uma só vez, mas a retirada deve ser aos poucos para não comprometer a validade da cola. Isso a gente aprendeu que deve negociar com a gráfica”, comentou Marcelo.

Outra dica importante repassada à família Roos é em relação ao processo de colagem. Vitor deu orientações de como criar uma base de madeira onde a colagem do rótulo fique reta. “Isso pode parecer um detalhe mínimo, mas quando as embalagens estão na prateleira alinhadas a outro que não tem este acabamento o consumidor percebe ‘na primeira olhada’ e acaba escolhendo o produto mais bem acabado”, conta Steinemann.

Os produtores também foram orientados a buscar informações em sua região sobre o programa Sebraetec, um serviço subsidiado onde o produtor rural recebe uma consultoria completa para sua agroindústria incluindo a produção e confecção de folder, cartão de visitas da empresa e rótulo. O produtor paga 20% do custo, que não ultrapassa o valor de R\$ 10 mil, e o Sebrae assume 80% restante.

As barcaças que cruzam o rio Mississippi nos Estados Unidos, uma das principais vias de escoamento de safras, foram obrigadas a reduzir suas cargas sob pena de encolherem. Esse é apenas um dos efeitos da seca que atinge o meio oeste do território americano, onde se concentra a maior área de produção de grãos daquele país.

No mês passado, o Departamento de Agricultura americano reduziu de 375 milhões de toneladas para pouco mais de 300 milhões de toneladas a previsão de sua safra de milho neste ano.

Como o consumo americano é de cerca de 282 milhões de toneladas de milho, a possibilidade de que o país tenha de importar o alimento é baixa (exceção feita para uma pequena proporção a fim de refazer estoques, que estão baixos por causa da safra passada, também ruim).

Mas uma queda na produção americana abre uma enorme oportunidade para produtores brasileiros nos mercados para os quais os EUA exportam, principalmente países asiáticos.

O mais recente relatório do Departamento de Agricultura americano (USDA, na sigla em inglês) mostra que a situação do milho e da soja no chamado Cinturão do Milho, se deteriorou ainda mais, aproximando-se de condições só verificadas pela última vez em 1988.

Naquele ano, 37% da soja americana foi considerada de má qualidade, enquanto 48% da safra atual de milho está nesta situação (contra 53% em 1988).

“Do ponto de vista do produtor rural, o Brasil está numa boa posição (para ganhar com a seca nos EUA), porque tem uma boa previsão de safra e está na época em que pode ajustar essa produção para aumentar a colheita”, disse à “BBC Brasil” o principal especialista em agricultura do Banco Mundial, Willem Janssen.

“Em termos de consumo, é menos positivo, porque o Brasil tem muitos consumi-

Os efeitos da est

Dia da caça e caçador: prejuízos americano, oportunidades no Brasil

Uma queda na produção americana abre uma enorme oportunidade para produtores brasileiros nos mercados para os quais os EUA exportam.

dores pobres – especialmente nas grandes cidades – e eles terão de pagar mais caro se essa crise no preço dos alimentos chegar na ponta”, diz ele.

Preços

A previsão de safra de soja nos EUA caiu de 87 milhões de toneladas para 83 milhões de toneladas, das quais são exportadas cerca de 36 milhões de toneladas.

A projeção para a safra brasileira de soja é de 82-83 milhões de toneladas, com uma previsão de colher mais 68 milhões de toneladas de milho em duas safras (a principal é chamada safrinha).

O preço da soja está 30% mais alto desde o início de junho, e 60% acima dos níveis do fim do ano passado, segundo os dados do Banco Mundial. O milho já subiu 45% entre meados de junho.

Estes níveis de preço têm injetado volatilidade no mercado de commodities, elevando as incertezas de abastecimento para os contratos futuros – o que por sua vez incentiva uma nova corrida pelos grãos e uma nova rodada de especulação.



Estiagem nos EUA

Valterci Santos

Segurança alimentar

Para Janssen, nesse contexto o Brasil deve ver a atual crise de abastecimento não apenas como uma “oportunidade” de curto prazo, mas como uma “obrigação” de manter o resto do mundo alimentado no longo prazo. “A segurança alimentar do mundo vai depender de países como o Brasil, que ainda podem aumentar relativamente fácil a sua produção”, diz.

Nos últimos cinco anos, é a terceira vez que o mundo assiste a uma elevação nos preços dos alimentos. Para ele, “muda o local, mas a frequência com a qual há uma falta de suprimento para satisfazer a demanda existêcia é simplesmente muito alta.”

Todos reconhecem que para se tornar de fato o “celeiro do mundo”, o Brasil precisa elevar a sua produtividade – cerca de 4,5 toneladas por hectare, contra cerca de 11 toneladas nos EUA.

Se no curto prazo os produtores brasileiros podem elevar a safra aumentando a área plantada e colocando mais fertilizante na terra, no longo prazo a resposta do Brasil passaria por fazer escolhas quanto às

O Brasil deve ver a atual crise de abastecimento não apenas como uma “oportunidade” de curto prazo, mas como uma “obrigação” de manter o resto do mundo alimentado

variedades plantadas, os sistemas de produção e o gerenciamento da colheita em geral, avalia Janssen.

Efeitos políticos

Em outros países da América Latina, o desequilíbrio de preços é especialmente danoso a países onde o consumo do milho é disseminado, como o México e a América Central.

O preâmbulo da crise alimentar de 2007-08 foram os protestos populares por conta da elevação no preço da tortilla mexicana, resultado da alta no milho.

“Precisamos ter cuidado para não especular sobre consequências políticas. Mas se os preços dos alimentos, sobretudo do milho, no México subirem muito, não há razão para esperar um comportamento diferente do passado”, reconhece o especialista do Banco Mundial. “O mesmo vale para Guatemala e os países na América Central.”

AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

A estiagem que atinge a cultura do milho nos Estados Unidos, a mais severa desde 1988, prevê que a safra norte-americana poderá ficar em torno de 300 milhões de toneladas. Isso beneficiou o mercado brasileiro, em um ano que a tendência era de preços baixos, haja vista a safra recorde. Com a quebra da safra, foi aberta uma janela de mercado para o milho brasileiro, impulsionando as exportações. Apenas em julho/12 o Brasil exportou 1,7 milhão de toneladas, volume 12,6 maior do que o exportado em junho. No acumulado de 2012, as exportações somam 3,52 milhões de toneladas. Há quem aposte que as exportações deverão ultrapassar 10 milhões de toneladas. É uma oportunidade para o produtor brasileiro realizar negócios, a preços remuneradores. No Porto de Paranaguá, no mercado CIF, referencial de R\$ 35,50 por saca de milho.

Gilda Bozza é economista do DTE/FAEP

El Niño favorece a ferrugem

E é bom lembrar que o vazio sanitário vai até 15 de setembro

O **plantio de soja** da temporada 2012/13 deve ficar mais exposto à incidência da ferrugem asiática do que a última safra de verão, quando os efeitos do La Niña deixaram o clima mais seco. A doença desenvolve-se com maior facilidade no clima chuvoso, como o que deve ocorrer neste ano devido ao El Niño. “Os prognósticos dos modelos climáticos globais, vem mantendo a tendência dos últimos meses, sinalizando para o retorno do “El Niño” a partir do final do inverno e início da primavera”, diz Luiz Renato Lazinski, meteorologista do Inmet/Mapa.

De acordo com o agrometeorologista Marco Antonio dos Santos, da Somar Meteorologia, o El Niño favorece a ferrugem e outras doenças. “Se o produtor não fizer uma boa capina química, poderá ter problemas no restante do ciclo da soja”, alerta. O vazio entrou em vigor no dia 15 de junho e permanece até 15 de setembro. Até lá, está proibido semear a oleaginosa e os proprietários são obrigados a erradicar as plantas, mesmo as que tenham germinado involuntariamente. O objetivo é evitar a “ponte verde”, que pode levar a incidência da doença na próxima safra.

Como prevenção, o cumprimento do vazio sanitário - norma que restringe a existência de qualquer planta viva durante 90 dias - tornou-se fundamental. No primeiro mês de fiscalização, a Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar) registrou um salto nas autuações.

Acostamentos

Cerca de 560 quilômetros de margens de rodovias vêm sendo monitorados pela concessionária Rodonorte para eliminação de plantas de soja que possam ter germinado a partir de sementes soltas. As empresas do setor são responsáveis pelo acostamento e, quando identificam soja fora de sua área de domínio, podem notificar os produtores.

O relatório parcial da Adapar, com as ocorrên-



Arquivo

cias registradas até 15 de julho, totaliza 103 notificações em um total de 9,3 mil hectares. O total de autuações (que podem gerar multas) chegou a 65, em 2 mil hectares, enquanto em 2010 houve 134 ocorrências (4,2 mil hectares).

Segundo Maria Celeste Marcondes, da gerência de Sanidade Vegetal da Adapar, a maioria dos casos ainda é de soja remanescente, que não foi colhida. “Todas as autuações serão avaliadas, para decidir se haverá ou não punição”, diz. No caso de multa, os valores variam entre R\$ 50 e R\$ 5 mil, dependendo da gravidade do caso.

A doença começou a representar um problema para as lavouras brasileiras dez anos atrás e se tornou a principal preocupação no cultivo da soja. Mesmo quando controlada, eleva os custos, pela necessidade de até quatro aplicações de fungicidas numa mesma área.

A doença desenvolve-se com maior facilidade no clima chuvoso, como o que deve ocorrer neste ano devido ao El Niño.

Foi dada a partida

Produtores de Palmeira e Guarapuava conhecem Plano da Bovinocultura

Produtores de Palmeira e Guarapuava foram os primeiros agropecuaristas a conhecer os detalhes do “Plano Diretor para a Bovinocultura de Corte” anunciado pela FAEP, no último dia 16 de julho (BI 1184). As reuniões ocorreram no último dia 2, na sede dos sindicatos de ambas as cidades, e é o início da estratégia para o fortalecimento e reorganização da cadeia produtiva no estado.

Durante o encontro em Palmeira, organizado e coordenado pelo presidente do Sindicato Rural, Vagner Augusto Barausse, o autor do plano, economista e pecuarista, Rogério Berger, enumerou os gargalos da cadeia produtiva e lembrou que a pecuária paranaense precisa se modernizar para produzir com qualidade. Acrescentou ainda a necessidade da organização da cadeia produtiva. “Os pecuaristas precisam se unir para obtermos sucesso”, disse. O plano contém uma proposta para os agropecuaristas do Paraná que desejam diversificar suas propriedades, com atividades que propiciem o aumento da renda da propriedade, novos sistemas de produção como a integração Lavoura, Pecuária e Floresta, melhor capacitação técnica e gerencial do pecuarista e a utilização da linha de crédito do Programa Agricultura de Baixo Carbono (ABC).

Um dos participantes, o produtor de Palmeira, Licio Isfer, trabalha há 45 anos com a pecuária de corte e tem um rebanho de 1.500 cabeças de gado. Segundo ele, a cadeia produtiva paranaense está ultrapassada e precisa de mecanismos que incentivem a produção de uma carne com qualidade. “Temos que pensar em produzir uma carne que seja referência para fora da fronteira do Estado. Além disso, precisamos pensar em novas formas de produção, como a integração da pecuária com outras atividades”, avaliou.

Já a presidente do Grupo Araucária, Júlia Mendes, apontou as vantagens da organização dos



Fernando Santos

Em Palmeira, a primeira apresentação do plano para a Ovinocultura de corte

produtores para fortalecer a cadeia produtiva. “O nosso grupo se tornou conhecido em todo o Estado porque estamos produzindo de forma organizada. Hoje o foco da nossa produção está na criação de bezerros da raça Angus e estamos sentindo no bolso as vantagens de trabalharmos em grupo”, comentou. A expectativa é criar a marca “Grupo Araucária” e, para isso, o grupo precisa de o manual de qualidade, que estabelece os padrões de produção. “Nós estamos procurando meios para qualificar ainda mais a produção e conseguir o “terneiro angus certificado araucária”.

Durante o encontro, o superintendente do SENAR-PR, Ronei Volpi, disse que o grupo pode contar com o apoio do Sistema FAEP para elaborar o manual. “O primeiro passo para alavancar a cadeia produtiva é investir na capacitação do produtor”, disse Volpi.

Participaram da reunião pela FAEP: Antônio Poloni, Rogério Berger, Ronei Volpi, Celso D’Oliveira, Narciso Pissinati, presidente do Sindicato de Londrina e da Comissão de Bovinocultura de Corte.

A cadeia produtiva paranaense está ultrapassada e precisa de mecanismos que incentivem a produção de uma carne com qualidade.

O homem

As opiniões do especialista no agronegócio mundial

Consultor internacional em commodities, investimentos e economia, diretor de Novos Negócios da Futures International, Pedro H. Dejneka, 33 anos, vive nos EUA desde 1995, onde desenvolve técnicas e estratégias de comercialização vinculadas aos efeitos da Bolsa de Chicago, cidade onde vive. Rotineiramente vem ao Brasil para participar de eventos e palestras do agronegócio e a partir do próximo dia 20 inicia junto ao economista da FAEP, Pedro Loyola, coordenador do Departamento Técnico Econômico, de um circuito intitulado: “Os segredos fora da porteira”. Nesse seminário você poderá tirar suas dúvidas sobre comercialização, gerenciamento e tendência de preços, e o mercado global das commodities agrícolas diretamente com Dejneka e Loyola.

Com sua experiência no mercado de commodities e sua interligação no macro-cenário mundial, Dejneka tem a impressão de que “o Brasil, no momento, está muito mais preocupado em “enfeitar o pavão” para o mundo, do que em seguir medidas para um crescimento saudável e sustentável do país. O crescimento recente, assim como a explosão de crescimento nos anos 2000 em vários países do mundo (EUA, Espanha, Grécia, China, etc) teve como protagonista o acesso ao crédito barato à fatias da população que antes nunca tiveram acesso”. Para ele,

Arquivo pessoal



Alexandre Prado



tomar medidas como estas sem a conscientização do público de como o crédito deve ser usado é um enorme perigo à qualquer economia.

“O país ao invés de utilizar a enorme riqueza gerada nos últimos anos para investir em acesso à educação de qualidade, saúde básica, infraestrutura rodoviária, ferroviária, fluvial, portos etc, se preocupa mais em gastar bilhões e trilhões para mostrar que “chegou a sua vez”. Ele prevê sequelas à essas políticas parecidas com as que ocorreram nos EUA, que mesmo já tendo infraestrutura adequada, acesso à educação, saúde, condições melhores de vida em geral entrou em crise. Cenas que se repetem hoje na Espanha e Grécia. “Imagina uma crise parecida no Brasil”,

de Chicago

diz. “Somos um país grande exportador de commodities alimentares e industriais que o mundo usa e precisa, não precisamos ter um futuro ‘nublado’, do que adianta viver um sonho que acabará em pesadelo?” Veja as opiniões do consultor da Bolsa de Chicago:

Boletim Informativo – O Paraná obtve uma safra recorde de milho e o plantio de soja que está se iniciando segue esse caminho. Qual a expectativa para a soja 2012/13, se não houver imprevistos climáticos?

Dejneka – É necessária muita cautela em relação à preços para o final de 2012 e o ano de 2013. Penso que poderemos ter preços de soja bem abaixo dos patamares atuais e das altas deste ano. O mercado está tendo que lidar com praticamente três safras seguidas de quebras e contínua demanda e por isso temos preços nos patamares de hoje.

Uma safra de mais de 140 milhões na América do Sul em 2012/2013 ajudará muito à aliviar os estoques mundiais da oleaginosa e isto afetará os preços. O produtor não deve pensar que o que ocorre este ano acontecerá todo ano. O produtor deve ir adiantando o quanto pode suas vendas até

Ele prevê sequelas à essas políticas parecidas com as que ocorreram nos EUA, que mesmo já tendo infraestrutura adequada, acesso à educação, saúde, condições melhores de vida em geral entrou em crise.

meados ou final de outubro, fazendo uma excelente média e protegendo as históricas margens de lucro que estão presentes.

BI – O senhor afirma que nunca o mundo dependeu tanto do produtor da América do Sul. Por que essa constatação?

Como disse, nunca antes na história mundial tivemos três quebras seguidas de safra com níveis de demanda estáveis ou crescendo. Uma nova quebra na América do Sul e consequente produção abaixo de 125 milhões de toneladas será seríssima para o mercado e estoques mundiais. Isto sim poderá desencadear uma crise de alimentos. Embora não controlemos o clima, será preciso também uma safra “perfeita e grande” nos EUA. Ou seja, a “responsabilidade” hoje está toda em cima dos ombros de produtores Sul Americanos (que por sinal são os melhores produtores no mundo). Os produtores na América do Sul farão a sua parte para ajudar a restabelecer estoques mundiais, e vamos esperar que o clima contribua. Agora, ainda é muito triste para um país com produção e potencial de crescimento de produção como o Brasil é a séria falta de estrutura adequada de logística de escoamento de produção.

BI – Como o senhor compara o produtor brasileiro e o americano na tomada de decisão? Quais as diferenças? E na gestão de riscos?

O produtor brasileiro não perde para nenhum produtor neste mundo quanto à produtividade e know-how de sua profissão. Quanto à tomada de decisão, somos todos

seres humanos e a emoção sempre acaba “atrapalhando” um pouco na hora da decisão. A maior diferença que eu vejo não é entre o produtor americano ou produtor brasileiro, mas sim, nas ferramentas que o produtor americano tem à sua disposição para uma comercialização mais disciplinada. Por exemplo, o produtor aqui nos EUA, já usa a bolsa para proteger suas margens faz anos, coisa que no Brasil é ainda recente. Ao mesmo tempo, percebo uma tendência recente de maior conscientização da massa produtora brasileira na hora de comercializar sua produção. O foco, cada vez mais, mesmo que seja de pouco em pouco, não deve ser “quero vender no pico para ter o máximo de lucro”, mas “vou aproveitar os momentos oportunos para proteger minha margem de lucro”. É um processo lento, mas que vem tomando força no Brasil. O maior desafio para o produtor na hora de comercializar é saber separar a emoção da razão. Isso é difícil de fazer, pois vai contra a natureza humana. Eu espero, por exemplo, que este ano o produtor esteja sabendo vender antecipado e não esteja preocupado em pegar o topo do mercado, mas sim em aproveitar níveis históricos de preços para fazer o caixa de suas operações.

BI – O governo americano vai continuar subsidiando nos mesmos níveis nos próximos anos a renda dos produtores?

Tenha certeza que o produtor americano continuará bem amparado pelo governo. O governo sabe da importância do produtor para a economia dos EUA. Poderão haver alguns

O maior desafio para o produtor na hora de comercializar é saber separar a emoção da razão. Isso é difícil de fazer, pois vai contra a natureza humana. Eu espero, por exemplo, que este ano o produtor esteja sabendo vender antecipado e não esteja preocupado em pegar o topo do mercado.

cortes devido à crise, mas os principais programas não serão cortados e o produtor continuará tendo o apoio necessário, pelo menos no curto à médio prazo.

BI – A mídia brasileira está repleta de artigos e opiniões sobre a crise de alimentos. Mas o senhor argumenta que isso é prematuro. Por que?

A comparação com a crise de alimentos de 2008 é “fácil” de se fazer, mas não é real. Vários fatores são bastante diferentes este ano do que eram em 2008. Alta nos preços de commodities agrícolas não traduzem automaticamente para uma crise de alimentos. Em 2008, não só tínhamos preços historicamente altos na soja e milho, mas também no arroz, açúcar e petróleo (alta no petróleo aumenta custo de produção e processamento de alimentos). O arroz é a principal commodity alimentícia em 2008 sofria com escassez ao redor do mundo. Mas este ano o preço do arroz e do petróleo estão pela metade que estavam em 2008...

BI – E as proteínas (carnes) nesse cenário?

A proteína animal não cabe no cardápio das famílias menos privilegiadas ao redor do mundo. Por exemplo, nos últimos 10 anos,



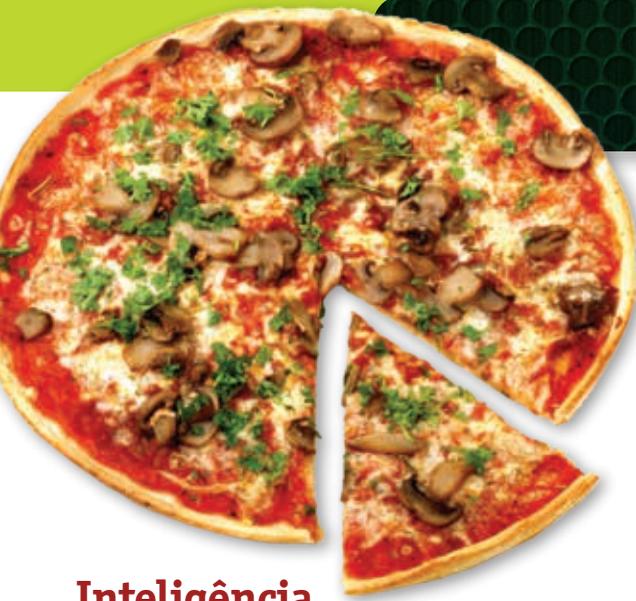
A BOLSA

Produtores e analistas de mercados de todo o mundo ficam de olho diariamente nas operações de compra e venda fechadas no pregão da Chicago Board of Trade (Cbot), ou simplesmente Bolsa de Chicago. Ela funciona desde 1848 num prédio imponente do centro financeiro de Chicago e sua especialidade são os contratos futuros de commodities ou mercadorias agrícolas. Quase 900 mil contratos são negociados ao dia por homens e mulheres agitados que aparentam estar sempre em estado de pré-loucura. Clima, quebra ou sucesso em colheitas, estatísticas de consumo, etc, entram no terreno da informação e mesmo da contra-informação compondo o vai e vem dos preços das commodities. E os produtores de grãos brasileiros que não conhecem a Bolsa ou Chicago nem por fotografia, são dependentes de seus humores. Nas últimas semanas tem reinado o bom humor.

o aumento da demanda de proteína animal no mundo se deu muito por conta do aumento de renda de famílias de classes C e D, que entraram na “classe média” em países populosos como a China e mesmo o Brasil. A demanda continuará forte para a proteína animal, sim, mas a proteína animal ainda é um “item de luxo” para muitas famílias ao redor do mundo. O arroz e o feijão (excelente fonte de proteína vegetal) constituem uma das mais baratas formas de se conseguir uma “alimentação completa”. Por estes fatores e outros, a escassez de arroz no mundo é um problema muito maior do que uma alta nos preços da soja e milho podem trazer no curto prazo. As altas recentes nos preços da soja, milho e trigo podem trazer preços mais caros de proteína animal, sim. Mas não causará mais “fome” no mundo.

BI – O senhor tem dito que o preço da commodity agrícola originada na fazenda é responsável por apenas 10% à 15% do custo final do produto derivado nos supermercados. E itens como processamento, embalagem, marketing, energia representam de 80 à 85% do custo final. Esses dados servem também ao Brasil?

Sim, a cadeia de processamento, logística e marketing adiciona uma enorme quantia ao produto final. Este é um dos motivos porque é muito mais barato fazer compra em feira do que em supermercado. O produto que compramos no supermercado teve a participação de vários intermediários e suas consequentes necessidades de margem de lucro até chegarem à nós.



Inteligência

Esperando ser atendido numa pizzaria observei um homem pedindo uma pizza para viagem. Ele estava sozinho e o pizzaiolo perguntou se ele preferia que a pizza fosse cortada em 4 pedaços ou em 6. Ele pensou algum tempo, antes de responder: “Corte em 4 pedaços; acho que não estou com fome suficiente para comer 6 pedaços.”

Viva!



Antes de falar... Escute!
Antes de escrever... Pense!
Antes de criticar... Examine!
Antes de ferir... Sente!
Antes de orar... Perdoe!
Antes de gastar... Ganhe!
Antes de se render... Tente de novo!
ANTES DE MORRER... VIVA!"

O tempo passa

A edificação mais antiga do mundo é o hotel Nisiyama onsen Keiunkan, um spa de águas termais em Hayakawa, Japão, fundado em 705. Além disso, entre as 11 empresas no mundo com mais de mil anos de operação, sete são japonesas, operando nos ramos de hotelaria, fabricação de sacos de papel, artigos religiosos e construção. No Brasil, a mais antiga é a Casa da Moeda, criada em 1694 e no setor privado a campeã é a Ypióca, que, em sua quarta geração familiar, já produziu 165 anos de cachaça.



O corvo

Em diversas lendas, o corvo aparece como um trapaceiro ou portador de maus presságios, mas eles são bastante inteligentes. Armazenam alimentos para o inverno e memorizam experiências para uso em circunstâncias futuras. Um deles foi observado usando a folha dura de uma árvore, como se fosse uma faca, para fazer nozes caírem numa rua movimentada e serem esmagadas pelas rodas dos automóveis, para que eles pudessem comer as sementes. Também reconhecem as pessoas e lembram-se dos seus rostos durante anos. Se um corvo ficar te olhando, pode ser que ele te ache uma noz.

Cupins-bomba

Especialistas belgas encontraram uma nova espécie de cupim na Guiana Francesa com uma estranha característica. À medida que envelhecem e se tornam menos capazes de cumprir as tarefas do dia a dia, os insetos começam a armazenar cristais sólidos que produzem uma reação química, quando misturados com outras secreções do animal. Para defender sua comunidade, podem literalmente “se explodir”, liberando uma enxurrada de produtos químicos sobre seus inimigos. Cometem o suicídio em defesa da colônia. Estão sendo chamados de camicases ou “cupins-bomba”.





Armas

Feitas a partir de toxinas, bactérias, vírus e fungos, as armas biológicas são devastadoras. Mesmo assim Iraque, Irã, Síria, Líbia, Índia, Paquistão, China, Estados Unidos, Rússia, Coreia do Norte e Afeganistão tem laboratórios dessas armas. O Anthrax, Botulismo, Varíola e Ebola, baratos e de fácil transporte, são as mais produzidas.



Não es quente

A velhice não impede as grandes produções intelectuais. Goethe completou “Fausto” quando contava 80 anos. Vítor Hugo, aos 84 anos, produziu “Legenda dos Séculos”. O filósofo Lamarck escreveu “Zoologia Filosófica” aos 81 anos. Bernard Shaw, inglês, alcançou a celebridade com mais de 60 anos, escrevendo as suas melhores obras: “House, Hearthreak, Joan e Back to Moihuselah”. Portanto, a vida pode começar aos 60, 70, 80, não es quente.

Made in Brasil

Foi no Brasil que surgiu a ideia de um chuveiro elétrico por volta de 1940. Sua concepção era bastante simples: uma resistência composta por metais com altos pontos de fusão (ou seja, que não se derretiam com facilidade) aquecia a água. Entretanto, o aparelho não era muito seguro, uma vez que não possuía um isolamento eficaz.

Na década de 60, com o uso do plástico, os chuveiros se tornaram bem mais agradáveis esteticamente. Além disso, seu uso permitiu um melhor isolamento elétrico, o que aumentou a segurança do aparelho de forma significativa. Mas você é do tempo que se invertia o regador para servir de chuveiro? Saudades deles.

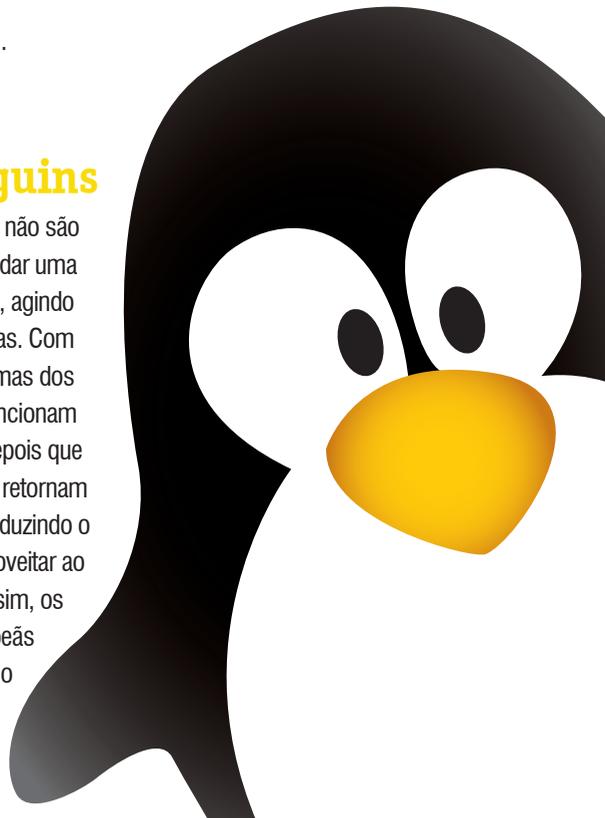
Pinguins

As asas dos pinguins não são usadas para voar, mas para dar uma forcinha embaixo d'água, agindo como eficientes nadadeiras. Com penas semelhantes às escamas dos répteis e estruturas rígidas funcionam como verdadeiros remos. Depois que empurram a água, as asas retornam junto às laterais do corpo, reduzindo o atrito e levando o bicho a aproveitar ao máximo o impulso obtido. Assim, os pinguins são as aves campeãs em velocidade na água, o que lhes permite perseguir cardumes e capturar peixes. E escapar de predadores.



Receita saudável

Moisés Maimônides, médico, filósofo e teólogo judeu, dispôs algumas regras para conservação da saúde. Entre elas, estão as seguintes: Abandonar a mesa quando ainda houver fome; nunca beber durante a refeição; comer parcamente (eu disse parcamente); nunca se deitar logo após a refeição; e banhar-se uma vez por semana. Ou seja, apesar de médico, o Maimônides não era chegado num sabonete, shampoo e água. Mas ele ainda garantia: “as bebidas alcoólicas são más para o jovem, porém boas para o velho.”





CURSOS

Nova Londrina



Curso de Queima da Cana-de-Açúcar

O Sindicato Rural de Nova Londrina e a Usina Copagra realizaram o Curso de Queima da Cana-de-Açúcar, com 15 participantes, no dia 24 de abril. O curso foi ministrado pelo instrutor, Luiz Paulo Corso.

São Jorge do Ivaí



Reflorestamento, Jardineiro, Qualidade de vida e PER

O Sindicato Rural de São Jorge do Ivaí ofereceu vários cursos, entre eles Trabalhador em Reflorestamento (matas homogêneas) cultivo de eucalipto, realizado nos dias 18 e 19 de junho, para 10 participantes, com o instrutor Valmir Alves Torres da Silveira Junior. • O curso de jardineiro realizado na Escola Especial Dr. Raul Martins, com a instrutora Cássia Borghi e a participação de 12 alunos. • No dia 14 de junho o sindicato ofereceu o curso de Qualidade de Vida com a instrutora Ethiene Serrano Alves para 23 mulheres, que participam do Clube Renascer, da melhor idade. • O sindicato também iniciou uma turma do Programa Empreendedor Rural no dia 8 de junho, com o instrutor Luiz Carlos Grossi.

Arapoti



Manutenção de Colheitadeiras

Diversos cursos de capacitação na área de operação e manutenção de colheitadeira automotrizes foram realizados pelo Sindicato Rural de Arapoti. Em junho foi a vez do curso Trabalhador na Operação e na Manutenção de Colhedoras Automotrizes New Holland • básico em New Holland. O curso preparou produtores e operadores para avaliar as perdas, conhecer os comandos e regulagens da plataforma de operação e os sistemas de acionamento, alimentação, debulha, separação, limpeza, armazenamento e descarga, entre outros itens. Foi ministrado pelo instrutor José Augusto Olzeewski e capacitou 14 produtores e trabalhadores do meio rural.

Cascavel



Classificação de Grãos

No final de junho o Sindicato Rural de Cascavel realizou em parceria com a empresa Plantar o curso Trabalhador na Classificação de Produtos de Origem Vegetal, ministrado pelo instrutor Vanderley de Oliveira. A capacitação abordou classificação de grãos de trigo, milho e soja.

Mangueirinha



PDS

O Sindicato Rural de Mangueirinha organizou uma turma com produtores rurais e lideranças locais para o Programa de Desenvolvimento Sindical. Fazem parte do grupo 12 produtores e produtoras rurais e outras lideranças, que tem como instrutora Marisa M. Acorsi.

Ribeirão do Pinhal



Doces pastosos, Agrotóxicos e Armazenista

O Sindicato Rural de Ribeirão do Pinhal realizou vários cursos entre eles: nos dias 1 e 2 de junho o curso de Doces de Corte, Pastosos e Geléia com 11 participantes, orientados pela instrutora Maria Luzinete Pina Zani. • Na semana de 4 a 6 de junho foi a vez do curso de Aplicação de Agrotóxicos Costal Manual e Tratorizado de Barras - NR 31 orientado pelo instrutor José Antonio Moreira da Silva. • No período de 11 a 15 de junho foi realizado o Curso de Armazenista com 10 interessados participantes sob a orientação do instrutor Ramon Ponce Martins.

Renascença



JAA

Mais duas turmas concluíram o Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) no município de Renascença. No dia do encerramento os alunos fizeram duas visitas técnicas uma no município de Dois Vizinhos, em uma propriedade de fruticultura, e outra em Renascença, em uma propriedade de pecuária leiteira. Os jovens foram acompanhados pela instrutora Nágila Lavorati e do presidente do sindicato Lisney Venzon.

Tibagi



Aplicação de Agrotóxicos

O Sindicato Rural de Tibagi realizou o curso de Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos – tratorizado autopropelido – NR 31, na comunidade de Capivari Fazenda Ouro Verde. O grupo com 10 alunos teve como instrutor Dácio Antônio Benassi.



Arquivo

Alimento sem imposto

Desoneração de alimentos ajudariam o PIB

Diante da elevada carga tributária que pesa sobre os alimentos, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) preparou um estudo que sugere a desoneração dos produtos da cesta básica. Conforme a pesquisa, extinguir os impostos dessas mercadorias traria efeitos positivos para a atividade econômica. Pela contas da entidade, o incremen-

to no Produto Interno Bruto (PIB) seria de R\$ 10,9 bilhões e pelo menos 416 mil postos de trabalho seriam abertos. O argumento dos pesquisadores é de que, com a queda dos preços desses itens, o brasileiro poderia consumir mais e de maneira diversificada, sobretudo a população de baixa renda, o que impulsionaria a economia.

O levantamento da Fiesp garante que uma carga menor de impostos levaria o país a um novo ciclo virtuoso de consumo. As famílias mais pobres, com ganhos inferiores a dois salários mínimos por mês, e que destinam 30% do rendimento à compra de alimentos, poderiam gastar uma fatia maior com educação, serviços e lazer.

A FIESP sustenta que na condição de um dos grandes produtores mundiais de alimentos, os brasileiros não podem aceitar uma carga de impostos desproporcional sobre produtos essenciais. Por se tratar de um setor no qual a competição é acirrada, os produtores e a indústria repassarão naturalmente aos consumidores o benefício da desoneração, sob pena da perda de mercado. Assim, a redução tributária beneficiaria toda a sociedade, pondera a entidade.

Campeão em tributos

O Brasil é dos países que mais tributam alimentos no mundo e o brasileiro não tem a menor noção dos impostos que estão embutidos em cada compra que faz. A carga média de impostos sobre alimentos nos Estados Unidos é de 0,7%; na Europa, 5% e aqui 17%.

Na conta de luz, 64,60% da conta são impostos, carne, arroz e feijão 17,7%, segundo a Fiesp. Quem ganha até 1.000 reais por mês gasta 19,6% de sua renda com alimentação. De 1.000 a 2.000 reais, 15,8%. No outro extremo, quem ganha mais de 32.000 reais por mês gasta apenas 4,1% de sua renda com alimentação.

No Senado aguarda votação o Projeto de Lei 3154/12 que prevê a desoneração total do PIS, da COFINS e do IPI da cesta básica nacional. A proposta contemplaria produtos como açúcar, biscoitos, café, carne bovina, carne de frango, carne suína, margarina, óleo de soja, pães, arroz, feijão, macarrão, farinhas, leite, tomate, batata e banana.

Nas mãos de poucos

De cada R\$ 100 emprestados no Brasil, R\$ 80,34 foram desembolsados por apenas cinco bancos: Banco do Brasil, Itaú Unibanco, Bradesco, Caixa Econômica Federal e Santander. Os números mostram o maior nível de concentração bancária dos últimos dez anos. Apesar desse fortalecimento do “grupo dos cinco”, o Banco Central considera que a concorrência continua em “nível adequado” e o “setor segue competitivo”. Nos Estados Unidos, onde se fala dos bancos grandes demais para quebrar, as cinco maiores instituições financeiras possuíam ativos totais equivalentes a 51% do PIB do país em 2007 e respondem por 56% agora. No Brasil, os ativos do “grupo dos cinco” foram de 57% para 86% do PIB no mesmo período.



Agricultura em alta, indústria em baixa

A produção industrial brasileira fechou o primeiro semestre com um recuo de 3,8%, conforme pesquisa mensal divulgada pelo IBGE. Comparados ao mesmo mês do ano passado, os resultados de junho mostram que o desempenho encolheu 5,5%, a maior queda desde setembro de 2009. Nem a pequena reação frente a maio – de 0,2% – foi capaz de reverter a expectativa negativa para a indústria este ano. Uma conta feita pelo próprio IBGE mostra que a indústria produz hoje o mesmo que fabricava há três anos. A previsão é que o setor feche o ano com retração de 2%. Se a projeção se confirmar, será a primeira vez desde a crise global de 2009 que a indústria cortará produção no ano.

Enquanto isso a consultoria Safras& Mercado estima que a colheita de soja na safra 2012/13 no Brasil deve atingir o recorde histórico de 82,295 milhões de toneladas, num crescimento de 24,1 por cento ante a safra 2011/12, de 66,331 milhões de toneladas.



Av. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar
CEP 80010-010 | Curitiba | Paraná
Fone: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124
www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

Presidente

Ágide Meneguette

Vice-Presidentes

Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso

Diretores Secretários

Livaldo Gemin e Lisiane Rocha Czech

Diretores Financeiros

João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti

Conselho Fiscal

Sebastião Olímpio Santaroza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro

Delegados Representantes

Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana



SENAR - Administração Regional do Estado do PR

Av. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar
CEP 80010-010 | Curitiba | Paraná
Fone: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779
www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Conselho Administrativo

Presidente: Ágide Meneguette - FAEP

Membros Efetivos:

Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal:

Sebastião Olímpio Santaroza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida

Superintendência:

Ronei Volpi



Coordenação de Comunicação Social:

Cynthia Calderon

Editor:

Hélio Teixeira

Redação:

Angelo Binder, Hemely Cardoso, Katia Santos

Diagramação, Ilustração e Projeto Gráfico:

Alexandre Prado

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pedese citar a fonte.

S E M I N Á R I O

Os segredos fora da porteira

Os caminhos da comercialização dos grãos • Como gerenciar os riscos
Tendências dos preços • Mercado global e influência nas commodities agrícolas

Perspectivas para a Comercialização Agrícola da Safra 2012/2013

Pedro H. Dejneka, Consultor em Commodities e Macroeconomia – Chicago (EUA)

As Mudanças na Política Agrícola e Atuação da FAEP

Pedro Loyola, economista e coordenador do Departamento Técnico Econômico da FAEP

VEJA A AGENDA DO SEMINÁRIO EM SEU MUNICÍPIO/REGIÃO

20/08 • **Ponta Grossa** • 9h às 11h30

SALÃO NOBRE DA ACIPG

Rua Comendador Miró, 860 - Centro

20/08 • **Guarapuava** • 19h às 21h30

AUDITÓRIO DO SINDICATO RURAL

Rua Afonso Botelho 58 - Santa Cruz

21/08 • **Pato Branco** • 9h às 11h30

AUDITÓRIO DA FADEP

Rua Benjamim Borges dos Santos, 1100 - Fraron

21/08 • **Cascavel** • 19h às 21h30

AUDITÓRIO DO SINDICATO RURAL

Rua Paraná 3937 - Centro

22/08 • **Palotina** • 9h às 11h30

AUDITÓRIO DO SINDICATO RURAL

Av. Independência, 1.584 - Centro

22/08 • **Goioerê** • 19h às 21h30

ACIG (Associação Comercial Industrial De Goioerê)

Av. Mauro Mori, 415 - Jardim Lindóia

23/08 • **Maringá** • 15h às 17h30

SALÃO CENTRAL - RESTAURANTE CENTRAL DO CHICO PARQUE DE EXPOSIÇÕES DE MARINGÁ

Avenida Colombo, 2.186, Parque Internacional de Exposições Francisco Feio Ribeiro

24/08 • **Londrina** • 9h às 11h30

SOCIEDADE RURAL PARQUE DE EXPOSIÇÕES NEY BRAGA - AUDITÓRIO MILTON ALCOVER

Av. Tíradentes, 6275 - Jardim Shangri-la

24/08 • **Cambará** • 19h às 21h30

ESPAÇO CULTURAL NILZA FURLAN

Av. Brasil, 1.192 - Centro

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE
CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___

Em ___/___/___

Responsável _____

Realização

SISTEMA FAEP

